



LXXIX Reunião da Comissão de Economia e Mercados

Data: 05/04/2012

Local – Sede da ABERJ

Início: 13:00 hs

Presentes:

Coordenador: Roberto Leonardo, Banco Guanabara;

Representante ABERJ: Jorge Pimenta;

Cosme Santos, CEMEC-RJ / IBEMEC;

Felipe Arantes, CEMEC-RJ / IBEMEC;

Heder Abreu, Consultor;

José Maurício, BB DTVM;

Patrícia Calmon, Banco Guanabara;

Walter Corcione, Solidez CCTVM.

Parecer da Comissão – ABRIL / 2012

Conjuntura interna: Como analista e porta voz de parte do segmento bancário a Comissão de Economia e Mercados do Sindicato e Associação de Bancos do Rio de Janeiro não se surpreendeu com as recentes medidas econômicas adotadas pelo governo. Há várias reuniões a Comissão tem manifestado alguma preocupação com a participação mais dominante do governo federal em diversos segmentos da economia. Seja diretamente, através de medidas concretas de desoneração de tributos de alguns setores mais articulados; seja no turbinamento, através do Tesouro, de recursos para o BNDES; o Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, para concessão de crédito subsidiado e prolongado para camadas da população e algumas empresas; seja na participação de empresas públicas e fundações de seguridade estatais nas grandes empresas brasileiras; seja na ampliação do setor financeiro em negócios anteriormente providos pelo segmento bancário privado, o governo central vem, aos poucos, adquirindo, cada vez mais musculatura capaz de desalojar seus concorrentes privados. Resta lembrar que a utilização dos bancos públicos para incrementar o crédito da economia e incentivar o consumo de uma população já endividada, torna seus balanços inflados, transformando-se em passivos fiscais futuros.

Para supostamente proteger a indústria o governo, a exemplo do que fez no passado, vem impondo diversos tipos de barreiras a concorrência dos importados, o que, em muitos casos, encarece e diminui a qualidade dos produtos nacionais. Exemplos disso estão no regime de cotas de importação de veículos de passeio; na excessiva nacionalização do setor naval; na re-introdução de uma “lei de informática” e até mesmo a possibilidade de um “selo” para vinhos importados.

Os episódios do passado, tais como o super subsídio a indústria sucro alcooleira, a proteção de nossa incipiente indústria de informática e automobilística provocaram grande atraso no desenvolvimento do País e pesado encargo financeiro com alto custo para toda a Nação.

Mais uma vez, afastadas que são as reformas estruturais necessárias, algum corte nos gastos públicos, redução tributária mais ampla e não discricionária redução dos compulsórios bancários, programas de desburocratização, mais investimento em educação e infra-estrutura são as sugestões que essa Comissão não deixará de encaminhar, sempre de maneira construtiva.

A boa notícia do trimestre encerrado foi a redução da inflação medida pelo IPCA do IBGE, conseguida, em parte, pelo farto subsídio do preço dos combustíveis, que tem onerado fortemente as finanças da Petrobrás. A estatal petrolífera tem importado, em média, 80.000 barris de gasolina diários para atender a crescente frota de automóveis do Brasil, com preços abaixo do seu custo no mercado internacional.

Dado aos fortes estímulos fiscal e monetário em curso promovidos pelo governo, esperamos uma boa recuperação da economia, principalmente no segundo semestre, por ocasião das eleições municipais. Um crescimento do PIB próximo a 3,5% não será inesperado. Essa aceleração pode, no entanto, não ser compatível com o centro da meta da inflação buscada, caso a taxa SELIC aprofunde sua queda.

Cenário Externo: No cenário externo, a realidade dos fatos se sobrepõe às medidas paliativas tomadas pelos bancos centrais ao redor do mundo que não conseguem maquiagem, por muito tempo, as agruras vividas por algumas economias do mundo. Como fatos relevantes, citamos a duvidosa recuperação da economia americana que teve no mês de Março uma criação de vagas de emprego bem abaixo do esperado pelo mercado. Declarações nem sempre precisas das autoridades chinesas não conseguem encobrir uma diminuição no ritmo de crescimento da poderosa economia oriental. Na Europa, a tragédia grega para um desfecho, cada mais dramático, com alto nível de desemprego, muita insatisfação da população e descrédito por parte dos agentes econômicos, inclusive essa Comissão que acredita num futuro novo calote em sua dívida. Portugal e Espanha encaminham-se, aparentemente, para um desfecho semelhante à Grécia, com boa chance de serem forçadas a reestruturar sua dívida. Para complicar a situação, o ano de 2012 será marcado por uma forte rodada de eleições que devem provocar a queda de alguns governos democráticos, face ao nível de insatisfação de suas populações com o ritmo de suas economias. A amarga dose do remédio que vem sendo aplicada ao velho continente vem causando efeitos devastadores semelhantes a uma guerra.

Copom: A próxima reunião do COPOM deve referendar a opinião quase unânime do mercado e reduzir a taxa SELIC para 9,00%.a.a., principalmente acreditando na última ata do BACEN.

Mercados: Essa Comissão entende que os preços de ativos nos diversos mercados não correspondem aos seus fundamentos. Notícias diversas, de diversas fontes de um mesmo país ou organismo internacional provocam reviravoltas diárias nas cotações de ativos. Assim, os mercados têm reagido ao que é propagado pelos órgãos de imprensa, por vezes pouco preocupados com a consistência de seus informantes. Um grande exemplo do que citamos ocorre com a divulgação quase semanal de conflitantes notícias sobre um novo afrouxamento quantitativo do FED.

Juros – O mercado de juros no Brasil vem tentando se adaptar as declarações das autoridades econômicas. Os juros de um dígito para esse ano incorporaram-se ao mercado. Previsões para 2013 são cada vez mais falaciosas, quando as opiniões do mercado confrontam-se com as do Banco Central e do governo.

Bolsa – A Bovespa tem sofrido as consequências de todo esse cenário global. Nossa visão para o final do ano, na melhor das hipóteses, uma saída razoavelmente pouco traumática para a crise europeia, que deverá manter o IBOVESPA em seus níveis atuais, com muita volatilidade. No curto prazo, um movimento de realização pode deprimir os atuais níveis de preços das ações.

Câmbio – O mercado tem absorvido com alguma certeza a idéia de que o câmbio no nível acima de R\$1, 80 e abaixo de R\$1,90 veio para ficar. Mais do que simples palavras e ameaças, as ações do governo conseguiram mostrar a sua determinação em não permitir a apreciação excessiva do Real.

Nada mais havendo a tratar, a Comissão encerrou seus trabalhos às 15hs.

Abril / 2012

ECONOMIA BRASILEIRA	2012						2013					
	MÉDIA		MÁXIMO		MÍNIMO		MÉDIA		MÁXIMO		MÍNIMO	
Variáveis												
Taxa SELIC (média - % a.a.)	9,30	2	9,31	2	9,28	2	10,21	1	10,21	1	10,21	1
Taxa SELIC (em dezembro - % a.a.)	9,13	4	9,50	4	9,00	4	10,38	2	10,75	2	10,00	2
PTAX em 31/12	1,75	4	1,85	4	1,65	4	1,80	2	1,90	2	1,70	2
Dólar Médio	1,70	1	1,70	1	1,70	1	1,70	1	1,70	1	1,70	1
IPCA (%)	5,50	3	5,80	3	5,20	3	5,85	2	6,00	2	5,70	2
IGP-M (%)	4,70	3	5,00	3	4,50	3	5,60	2	5,70	2	5,50	2
Ibovespa em pontos	72.333	3	75.000	3	70.000	3	-	0	-	0	-	0
Risco-Brasil (Spread over Treasury)	170	2	190	2	150	2	200	1	200	1	200	1
Juro Real (Swap de 360 dias x juros projetados de 1 ano)	3,43	3	3,60	3	3,20	3	3,90	2	4,00	2	3,80	2
Saldo da Balança Comercial (US\$ bilhões)	18,21	3	20,62	3	15,00	3	15,48	2	17,00	2	13,95	2
Exportações	265,00	1	265,00	1	265,00	1	-	0	-	0	-	0
Importações	250,00	1	250,00	1	250,00	1	-	0	-	0	-	0
Saldo em Transações Correntes (% do PIB)	-2,80	1	-2,80	1	-2,80	1	-	0	-	0	-	0
Em US\$ bilhões	-71,00	3	-66,00	3	-76,00	3	-74,00	2	-72,00	2	-76,00	2
Investimento Externo Direto (US\$ bilhões)	56,67	3	60,00	3	55,00	3	60,00	2	65,00	2	55,00	2
Reservas Internacionais - Liquidez Intern. (US\$ bilhões)	378,33	3	385,00	3	370,00	3	375,00	2	380,00	2	370,00	2
Resultado Primário do Setor Público (% do PIB)	2,73	3	2,90	3	2,50	3	2,90	2	3,00	2	2,80	2
Resultado Nominal do Setor Público (% do PIB)	-1,70	1	-1,70	1	-1,70	1	-	0	-	0	-	0
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	36,33	3	37,00	3	36,00	3	36,40	2	38,00	2	34,80	2
Taxa de Crescimento do PIB (%)	3,33	3	3,80	3	3,00	3	4,20	2	4,90	2	3,50	2
PIB (em US\$ bilhões)	4.540,00	1	4.540,00	1	4.540,00	1	-	0	-	0	-	0
ECONOMIA AMERICANA												
Taxa dos <i>Fed Funds</i> (%a.a.) (em dezembro)	0,25	3	0,25	3	0,25	3	0,25	2	0,25	2	0,25	2
Taxa de Crescimento do PIB (% a.a.)	1,90	3	2,00	3	1,70	3	2,25	2	2,50	2	2,00	2

Roberto Leonardo
Coordenador da Comissão